



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SÃO PAULO, SP, 7 DE NOVEMBRO DE 1995

Sua Alteza Imperial, Princesa Sayako; Governador Mário Covas e Dona Lila Covas; Embaixador Luiz Felipe Lampreia e Dona Leni Lampreia; Senhor Hidetoshi Okawa, Embaixador do Japão no Brasil; Senhores Parlamentares; Senhor Prefeito de São Paulo, Doutor Paulo Maluf; Senhor Toro Toyoshima, Presidente da Jetro; Senhores membros da Comunidade Japonesa no Brasil; Senhoras; Senhores,

Para o Presidente é uma satisfação imensa poder estar nesta tarde, aqui, ao lado de personalidades tão marcantes e com a expressiva presença de Sua Alteza Imperial, um gesto de simpatia do Japão para com o Brasil, inaugurando esta exposição industrial.

Estou, neste minuto, chegando de Buenos Aires, onde participei de uma reunião a respeito de países que estão em processo de desenvolvimento. Mas fiz questão de chegar a tempo, porque creio que não é em qualquer instante que se comemora o fato de dois países, tão longínquos um do outro geograficamente, comemorarem 100 anos de um tratado de amizade, do qual resultou, para ambos, um enorme proveito, proveito que está marcado, sobretudo aqui, na cidade e no Estado de

São Paulo, pela presença tão extraordinária dos japoneses e de seus descendentes. Nem eu sabia que eram tantos: 1,3 milhão! Quase 1% da população do Brasil.

Mas, seguramente, esse quase 1% significa muito mais em termos de desenvolvimento industrial, em termos de cooperação com o Brasil através das universidades, onde certamente nós teremos muito mais descendentes japoneses do que 1%.

Estou seguro de que desses nossos tecnólogos, dos nossos engenheiros, daqueles que passaram pelas nossas universidades e que nelas trabalham a contribuição é maior ainda, assim como é grande no nosso Parlamento, assim como é grande em prefeituras por este Brasil afora, em ministérios. Ou seja, uma comunidade que se integrou ao Brasil e com a qual nós aprendemos muito. Aprendemos até as coisas que podem parecer elementares, mas que foram importantes: aprendemos a cultivar a terra de uma maneira caprichosa, de uma maneira que, num pedaço pequeno de terra, fosse possível produzir frutos, fosse possível produzir vegetais e mostrássemos que é com o trabalho que se consegue a produção, e não é simplesmente com a extensão da área; é com a dedicação, com a competência. Isso nós devemos muito aos japoneses e aos seus descendentes.

Quando Ministro das Relações Exteriores, assim como o atual Chanceler, eu tive a honra de ir ao Japão, como ele também foi, para mostrar a nossa permanente presença, o nosso interesse por essas relações com o Japão. E lá visitei brasileiros que trabalham no Japão. São cerca de 160 mil, que ficam no Japão por um período de um a dois anos e voltam para cá. Isso mostra a continuidade das nossas relações e como elas têm uma riqueza tão extraordinária. Num momento, são os japoneses que vêm ao Brasil para nos ajudar, aqui, a construir o nosso país. Noutro momento, somos os brasileiros de origem japonesa que estamos no Japão, ajudando também o Japão nas suas emergências de mão-de-obra e aprendendo lá, também, o processo de desenvolvimento na área tecnológica e a disciplina do trabalho, que é tão importante no mundo atual.

Eu queria ressaltar um fato, mais do que um fato, um processo, que é muito peculiar da colonização japonesa no Brasil: a educação. Os japo-

neses que para aqui vieram, embora tivessem vindo, muitas vezes, na condição de pessoas que estavam deserdadas de propriedades, mas não estavam deserdadas da crença na educação, se reorganizaram aqui, ensinaram, fizeram escolas, ensinaram na família, treinaram e nunca deixaram de acreditar que as pessoas têm que ter uma formação. Isso foi a base da prosperidade dos japoneses que para aqui vieram.

É certo que o Brasil é um país acolhedor e se orgulha disso, mormente, agora, neste mês de novembro, pois nós estamos comemorando também a presença dos negros, por causa do Zumbi. Gosto de repetir que nós somos um país multirracial. É verdade que é um país aberto, que se orgulha disso. Dá condições de presença, de trabalho, de participação. Mas não posso deixar de assinalar que o êxito da colônia japonesa no Brasil se deveu, em grande medida, ao esforço dela própria. Deveu-se, em grande medida, ao fato de que os que para cá vieram nunca perderam nem a esperança de prosperar e nem aquela convicção de que só se prospera quando se está trabalhando, quando se está educando, quando há organização e quando há respeito àqueles que propiciaram a transformação, que são os mais velhos da família.

Foi assim, com esses valores simples, que os japoneses se integraram e, hoje, fazem parte absolutamente natural do Brasil, a tal ponto que já não estranha a nós a feição oriental. Pode ser que estranhem, no Oriente, que brasileiros que têm a mesma feição não sejam capazes de falar uma só palavra em japonês. Eu lamento. Acho que todos deveriam. Isso pode ser que estranhem. Aqui, entre nós, já não se estranha. É uma mesma continuidade a presença dos japoneses aqui.

Quero destacar, ainda, um fato significativo, que já foi mencionado pelo representante da Jetro: é o fato de que há um forte investimento japonês no Brasil. Conversando com o Governador Mário Covas, que governa tão bem este estado, que é o estado no qual a presença japonesa é mais forte, ele me dizia isso, com o que eu concordei. É verdade que há um forte investimento japonês no Brasil. Mas também é certo que, em proporção aos investimentos japoneses no exterior, ainda é pequena a participação de capitais japoneses no Brasil. Nós queremos mais.

E esta exposição industrial do Japão, neste centenário da amizade do Brasil e do Japão, é um incentivo a que venham mais, a que, em cooperação conosco, nos ajudem a prosperar, porque há muito campo para isso.

Recentemente, estive no Pará, em Barcarena, que é uma localidade próxima a Belém, capital do Pará, mas no meio da selva amazônica. E, lá, há um empreendimento que é, em grande medida, da Companhia Vale do Rio Doce, mas lá estão os japoneses também, na exploração da alumina e do alumínio, ajudando o nosso crescimento.

É assim por todos os lados. Não são empresas que se isolam. São empresas que vêm para cooperar, para fazer, para formar parcerias com o Brasil.

E é com esse espírito que eu peço que venham mais aqui, porque o Brasil está aberto a novas parcerias. Mas eu não quero privá-los do gosto, que será meu também, de percorrermos, juntos, as salas da exposição. Não quero me alongar nesta breve alocução de comemoração de fato tão marcante, como este centenário, como esta exposição, e com a presença de Sua Alteza Imperial.

E, para terminar, sem me alongar, quero dizer só isto, que digo de todo o coração, e podem ter a certeza de que, por mim, falam todos os brasileiros, os que não têm origem japonesa, assim como os que têm: muito obrigado. Muito obrigado ao Japão, aos japoneses que para cá vieram. Muito obrigado a vocês todos, que nos ajudam a construir um grande país.